

Um olhar sobre OS ÚLTIMOS NÔMADE

Eles são índios
andarielhos,
vivem como há
500 anos
e nunca precisaram
se fixar.
Agora os guajás
têm que lutar por
sua terra

por TÂNIA MARTINS
fotos EGBERTO NOGUEIRA

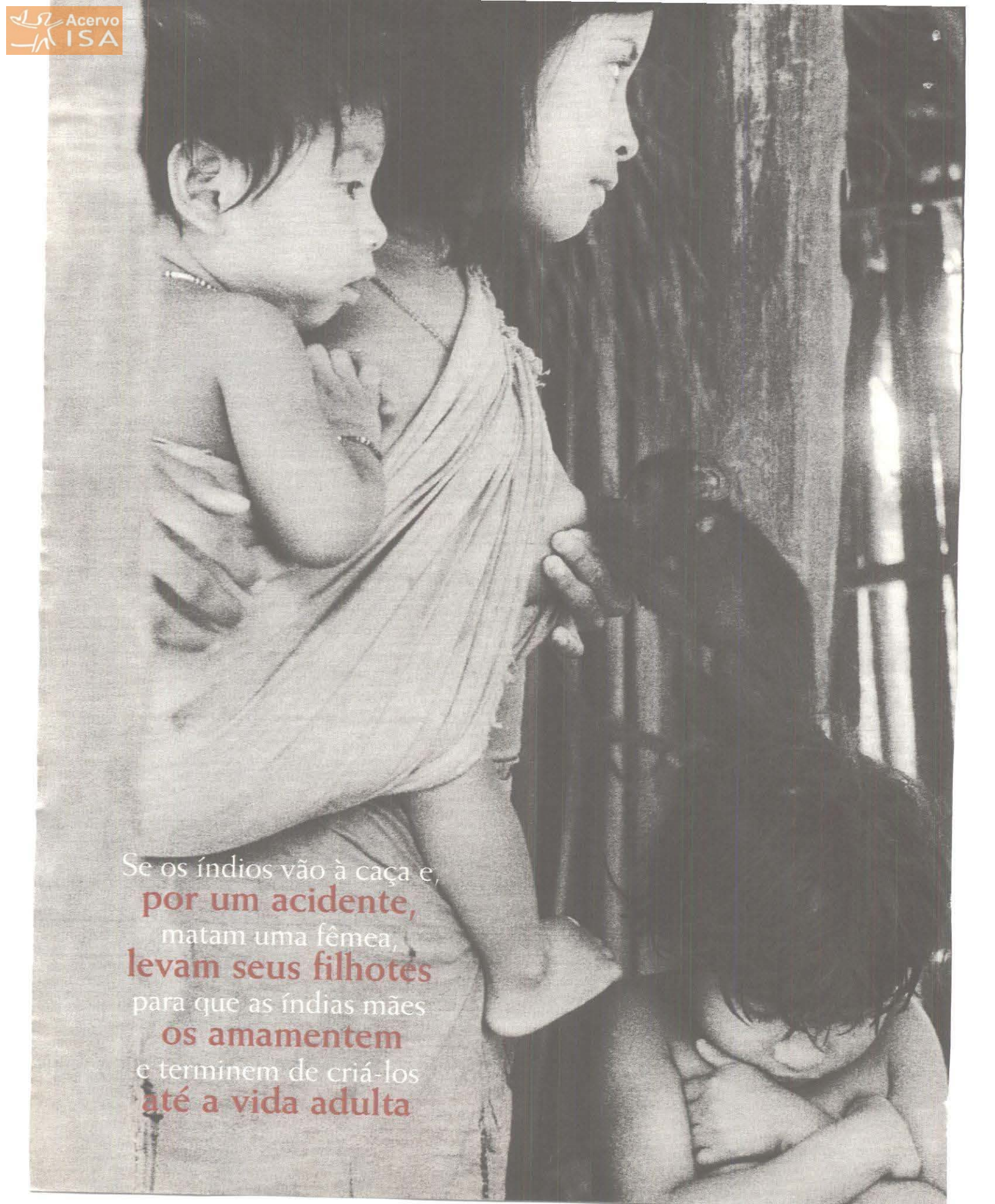


S



RETIRANTES

Índia guajá com os filhos e um macaco como adorno, na aldeia Txipatxiá, na divisa do Maranhão com o Pará: a tribo nômade preserva hábitos como a caça com arco e flecha (à esq.).

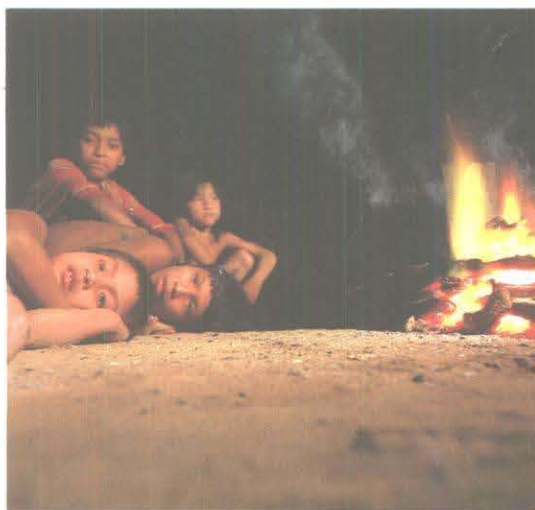


Se os índios vão à caça e,
por um acidente,
matam uma fêmea,
levam seus filhotes
para que as índias mães
os amamentem
e terminem de criá-los
até a vida adulta

OS ÍNDIOS GUAJÁS estão acostumados a andar. Se repetissem a viagem que os repórteres de **TERRA** fizeram para chegar à reserva onde vivem, caminhariam sem reclamar – ou até gargalhando, já que rir é algo que eles adoram fazer. E não é nada fácil chegar à aldeia Txipatxiá, perto da cidade maranhense de Santa Inês, na divisa com o Pará. A aventura começa na capital, São Luís, num trem da Companhia Vale do Rio Doce que roda por sete horas até a parada de Alzilândia, 300 quilômetros à frente. Daí em diante é preciso andar por 2 quilômetros pelos trilhos até a margem do Rio Pindaré, de onde zarpa o barco da Funai. Mais meia hora navegando por um fio de água pelo Igarapé Presídio e outros 2 quilômetros de trilha e, enfim, se alcança o posto Awá (pronuncia-se auá), onde vivem os últimos 221 representantes desse povo.

HOMENS NUS. Segundo o antropólogo Mércio Pereira Gomes, que ajudou a identificar a área Awá em 1980, é provável que eles sejam os últimos nômades brasileiros. Enquanto perambulam pela Floresta Amazônica nus, sem falar português, em harmonia com a natureza como há 500 anos, os guajás da reserva Awá nem imaginam quanto os brancos querem roubar esse espaço. Como não há demarcação oficial no território Awá, ele passou a ser cobiçado por agropecuaristas, madeireiros, empresários e políticos. "O tempo é nosso maior inimigo", diz o coordenador dos Índios Isolados da Funai, Sidney Posuelo, explicando que o espaço Awá-Guajá tem sido invadido por grileiros. A demarcação não acontece porque a Justiça tem pendengas com empresas que apresentam mal-explicados documentos oficiais de posse. A terra que antes se estendia por 240 000 hectares foi reduzida pela metade, 118 000, emendados com as reservas Caru e Alto-Turiaçu. "Se não tomarmos cuidado, só sobrarão pequenas malocas", adverte Posuelo.

Indiferentes ao cerco, os guajás ainda vivem de forma tradicional. Os homens caçam e pescam, as mulheres cui-



FARRA CURUMIM
As crianças da reserva Awá têm liberdade para brincar durante todo o dia: sobem em árvores (acima) e conversam, à noite, em volta da fogueira (à esq.).



NO IGARAPÉ PRESÍDIO, ao lado da aldeia, grupo de curumins nada entre os peixes punarés: harmonia com a natureza



OS ADULTOS realizam o Karawarakaia, espécie de ritual de preparação espiritual para a caça durante a lua cheia

dam da aldeia, as crianças trepam em árvores e nadam entre os peixes punarés nos rios e os filhotes de animais circulam em volta das casas de madeira, chamadas de *tapiris*. É tão grande o apego aos animais, principalmente aos filhotes de macacos guaribas, cutias e porcos-do-mato, que mulheres e crianças usam os bichinhos na cabeça, como adornos. As mães em fase de amamentação não se importam em dar-lhes o peito. Se os índios, por acidente, matam uma fêmea durante a caçada, trazem os filhotes para que as índias os alimentem e terminem de criá-los até que possam ser abatidos e comidos. Apesar das características selvagens, a tribo já tem influências do homem branco: as *tapiris*, que antes não tinham paredes, ganharam palhas nas laterais. O sabão, os fósforos e as panelas fazem parte do cotidiano.

NÔMADES FIXOS. Embora se soubesse da existência do grupo desde o início do século, os guajás só foram achados pela Funai em 1973. Na época, os andarilhos somavam 600 homens e mulheres – três vezes mais que hoje, depois que os brancos lhes trouxeram enfermidades como a gripe, a malária, as verminoses, a tuberculose e as doenças de pele. “Fixá-los foi uma alternativa para evitar o extermínio”, assegura o chefe do Núcleo de Apoio da Funai em Santa Inês, Renildo Matos. Segundo ele, o inferno da cobiça dos brancos começou com a construção da estrada de ferro Carajás, em 1982. A ferrovia provocou a destruição dos cocais que forneciam alimento para os guajás e afugentou animais. Provocou ainda a valorização da terra e os primeiros conflitos com os índios. O interesse pela área Awá cresceu quando a Docegeo, empresa da Vale do Rio Doce, descobriu ali a mais pura bauxita de que se tem notícia no mundo.

Para que não perdessem a valiosa terra, os guajá aprenderam, na última década, hábitos sedentários como a agricultura de mandioca, milho, abóbora e arroz. As roupas foram aceitas por alguns, como proteção contra os mosqui-


Autoridade máxima da
aldeia guajá,
Meraketxiá, de 80 anos,
cedeu o marido
para a neta de 12 anos
casar e dar
continuidade à etnia.
Sob um só teto

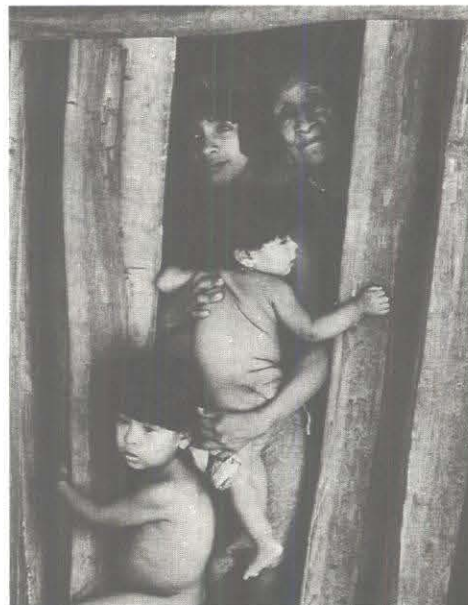


O PRAZER DE RIR
Indiferentes à cobiça do branco, que quer lhes tomar as terras, os guajás vivem seus hábitos nômades. Andam pela Floresta Amazônica, brincam nos rios (à esq.) e adoram dar risadas.



tos, mas a maior parte da tribo ainda prefere viver nua. Os homens amarram o prepúcio com fibra de palmeira e se consideram vestidos. Nas noites de lua cheia, realizam o Karawarakaia, espécie de preparação espiritual para a caça, em que dançam vestidos com cocar e penas até o amanhecer. Além da caça e da pequena roça, uma recente alternativa de ganha-pão dos guajás foi a criação, por iniciativa da Funai, de uma associação de produção sustentável de mel, polpa do açaí, bacuri e óleo de copaíba, produtos que a partir deste mês passam a ser vendidos com o selo Guajá.

Não existe cacique na aldeia Awá. A autoridade é a mulher mais velha da tribo, Meraketxiá, 80 anos, chamada de Mãe. Ela dá conselhos, faz partos e remédios, batiza os bebês – sempre com nomes de pássaros e árvores. Desde que perdeu a fertilidade, ela cedeu o seu terceiro marido, Taitakuará, para a neta Yauatraí, então com 12 anos. O casal já tem dois filhos e todos moram com a matriarca. O neto de Meraketxiá, Irakatakuá, tem 23 anos e está sendo preparado para assumir seu lugar. É o único que fala português e entende o que acontece com a terra. "A gente vê *karai* (homem branco) na mata. Levam jabuti, porco-do-mato, cutia", reclama. Mais grave que isso é a ameaça da perda da terra. E Irakatakuá sabe que os guajás pouco podem fazer nessa guerra silenciosa por um justo pedaço de terra. 



NA CASA DA SOGRA
 As relações de família (acima, pai e filho) são curiosas. Meraketxiá, (à esq., a mais velha) 80 anos, deu seu terceiro marido, Taitakuará, para a neta Yauatraí (à esq., com o filho no colo). Todos dividem o mesmo lar.

ENTRE PARÁ E MARANHÃO
 A área Awá, emendada em duas reservas, contava com 240 000 hectares há duas décadas e hoje tem só 118 000.

